



Emilie Lesclaux, a francesa por trás do sucesso de 'O Agente Secreto'

PÁGINA 3



Realizador Paulo Halm filosofa sobre o nosso audiovisual

PÁGINA 4 E 5



Beija-Flor leva manifestação do Recôncavo para a Sapucaí

PÁGINA 6

#cm
2

SEGUNDA-FEIRA

Cinemascópio



Maldade em modo hard

Antagonista de Wagner Moura em 'O Agente Secreto', **Luciano Chirolli**, estudos da **obra de Alejandro Jodorowsky**, recicla a **palavra 'vilão'** no **cult que brilhou** na festa do **Globo de Ouro**. Pág. 2

Um vilão construído nas raias da impunidade

Luciano Chirolli conta como o trabalho com Wagner Moura ajudou-lhe a moldar o inescrupuloso e vingativo Ghirotti

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Xamanismos à parte, o fascínio do mineiro de Poços de Caldas Luciano Chirolli pela obra do diretor chileno Alejandro Jodorowsky vai além da chamada "psicomagia", expressa nas cartas de tarô tiradas por esse autor de livros e HQs seminais e se estende às peças de teatro e aos filmes que ele assina, influenciado uma atuação que hoje reverbera pelo mundo em "O Agente Secreto". O longa-metragem pernambucano ganhador do Globo de Ouro de Melhor Filme de Língua Não Inglesa apostou numa trilha que raras produções de lastro sociopolítico das Américas adentram e elege um vilão, daquele tipo mau... feito pica-pau..., que só Hollywood sabe criar, vide tipos vividos por Henry Silva, Michael Ironside, Gene Hackman.

Coube a Chirolli dar corpo a um ferrabrés da alta classe empresarial brasileira, o executivo Henrique Ghirotti, para quem "um banho de indústria" faz bem. Ele não se alinha às figuras violentas do nosso audiovisual cuja crueldade é reflexo do desajuste social e do desemprego do estado, como o Zé Pequeno de "Cidade de Deus" (2002). Bebe daquela vilania clássica, que se explica pela cobiça desmedida e pela impunidade das leis. Odete Roitman costurava ser o arquétipo máximo desse padrão em nosso imaginário, mas perto de Ghirotti, a ricaça vivida por Beatriz Segall (em 1988) e Débora Bloch (no ano passado), mal saiu do estágio da má índole.



Priscilla Prade/Divulgação

“Sua maldade vem da soberba do homem branco do Sul-Sudeste deste país, num preconceito secular que almeja quebrar a perna do Nordeste. É o representante de um poder que quer impor ordem”

LUCIANO CHIROLLI

Ghirotti não está sozinho em nossa genealogia cinéfila. Em nossas telas, tivemos vilões de dar medo antes, mas quase sempre nas chanchadas, imortalizados por José Lewgoy (1920-2003). Contudo, nem o pistoleiro Jesse Gordon, racha-cuca vivido por Lewgoy em "Matar ou Correr" (1954), ruim como ele só, era capaz de prejudicar este país como Henrique Ghirotti, antagonista do professor vivido por Wagner Moura no longa de Kleber Mendonça Filho.

Envolvido numa versão para os palcos de "Fando e Lis", filme de Jodorowsky de 1968, Chirolli é fiel à tese de que a crueldade de Ghirotti vem do eurocentrismo, numa xenofobia latente.

"Sua maldade vem da soberba do homem branco do Sul-Sudeste deste país, num preconceito secular que almeja quebrar a perna do Nordeste. É o representante de um poder que quer impor ordem. Ao interpretá-lo, eu pensei muito: como falar todas as coisas horríveis que ele diz sem refor-

çar a ofensa explícita? A resposta foi: aparente ser respeitável. Fale mansamente palavras que carregam séculos de intolerância. Quanto mais calma for a fala do vilão, mais ameaçador ele será. De certa forma, Jodorowsky está comigo", diz Chirolli ao Correio.

Há 30 anos, o ator (irmão do jogador de vôlei Xandó) começou a fazer cinema. Debutou ao estrelar o curta-metragem "A Escada" (1996), de Philippe Barcinski. Trazia consigo a bagagem de uma década de teatro profissional (que atualmente totaliza 40 anos), a contar da montagem de "Leonce e Lena", em 1987. Fez outros filmes, brilhou na TV, mas nunca arredou do palco, que lhe valeu o prêmio Shell, em 2010, por "As Três Velhas". O autor desse espetáculo não seria outro que não... Jodorowsky, um poeta da metafísica que fez fama também no cinema, depois de rodar "El Topo" (1970).

"Na época da retrospectiva de Jodorowsky no CCBB, em São

Paulo, em meados dos anos 2000, eu e minha querida companheira de arte, a atriz Maria Alice Vergueiro, estávamos na pesquisa de textos fortes e vimos um filme dele, 'Santa Sangre'. Saímos tão impactados que começamos a estudar o trabalho dele e fundamos o Grupo Pândega de Teatro Jodorowskiano. Do que o Jodorowsky cria, eu tiro uma consciência de mundo que se aplica até no improviso. No caso de 'O Agente Secreto', não ensaiávamos. Era no tête-à-tête", explica Chirolli.

Na trama filmada por Kleber, coroada em Cannes com a láurea da Crítica e os prêmios de Melhor Direção e Interpretação (para Wagner), estamos no Brasil de 1977, na era Geisel, e Ghirotti (Chirolli) é um representante da Eletrobras que busca controlar a patente que o chefe de departamento da Universidade Federal, no Recife, registrou. Para o emissário engravatado (e não fardado) dos militares, o povo "do Norte" tem um sotaque próprio e faz as coisas de um modo que não condiz com as vontades das oligarquias industriais de São Paulo.

"Ao passar o texto com o Kleber, eu vi a calma com que o Wagner Moura falava, mesmo numa sequência que parecia ser uma reunião tensa. Caiu pra mim, na mesma hora, uma certa ideia de ironia muito cruel, mais explicitada", conta Chirolli. "Caiu também aquela tendência de impor um ritmo de quem tem mais poder, de quem domina a fala na mesa, por se achar a autoridade da mesa. Ghirotti acredita nisso por ser do Sudeste, filho de italiano, branco, de olhos azuis. Ali, o meu personagem vai acusar o do Wagner de ser comunista, de ter planos que ameaçam os meus planos. Mas sinto o Wagner calmo, olhando sereno para as outras pessoas, e percebo uma solidariedade ali que me quebra as pernas em relação a coisas que eu já tinha pensado. Não improviso. Troco essa energia com ele. Aquilo vira uma conversa civilizada, mas com profundo ódio e preconceito nessas falas supostamente civilizadas. Aí resolvo responder tudo, toda provocação, todo impulso, sempre no registro sub-reptício. O tempo todo nesse estado de sub-reptício. Aí eu entendi quem eu era ali".

Ator na montagem que Walter Lima Jr. fez de "Hedda Gabler" (em parceria com o mestre da literatura Rubem Fonseca), na segunda metade dos anos 2000, Chirolli elogia a coragem de Kleber em seu retrato do Brasil.

"Ele pega Pernambuco - com toda a inteligência, o humor e a grandeza de seu estado - e leva isso para o mundo. Recife está expresso ali na direção de arte e no figurino, deslumbrantes. O filme trata de silenciamento num momento em que a nossa memória volta a ser ameaçada", analisa Chirolli. "É um apelo à responsabilidade histórica. Um filme que pede atenção ao mundo a partir de uma história local. Esse é o poder do cinema de autor: ser universal ao cantar a sua aldeia".



Mezzo francesa, mezzo pernambucana

A produtora Emilie Lesclaux é peça fundamental da engrenagem de 'O Agente Secreto' e demais projetos de Kleber Mendonça Filho, seu marido

AFFONSO NUNES

Quando Wagner Moura levantou a estatueta de Melhor Ator em Drama no Globo de Ouro 2025 por "O Agente Secreto", o longa de Kleber Mendonça Filho conquistou também o prêmio de Melhor Filme em Língua Não Inglesa, uma mulher discreta subiu ao palco ao lado do diretor pernambucano para receber o reconhecimento que, de certa forma, coroa mais de duas décadas de trabalho silencioso nos bastidores do audiovisual brasileiro. Emilie Lesclaux, nascida em Bordeaux há 46 anos, é a produtora creditada em "O Agente Secreto" e nome recorrente na filmografia de Kleber - com quem é casada desde 2007 e tem os gêmeos Tomás e Martin.

A trajetória de Emilie no cinema brasileiro começou longe das

câmeras e dos sets de filmagem. Formada em ciências políticas, ela chegou ao Recife em 2002 para trabalhar no Consulado-Geral da França no Nordeste, atuando em cooperação cultural. Foi nesse circuito que conheceu Kleber Mendonça Filho, então trabalhando com programação de cinema na Fundação Joaquim Nabuco. O encontro profissional rapidamente se transformou em parceria criativa e pessoal, culminando na fundação da Cinemascópio, produtora independente que viria a se tornar o berço dos principais projetos do casal e um dos nomes mais respeitados do cinema autoral brasileiro.

Nos anos 2000, ainda na fase inicial da produtora, Emilie começou a produzir filmes ajudando Kleber em várias funções em curtas dele e no longa "Crítico", documentário de 2008 hoje disponível na MUBI. Esse conjunto de obras, exibido em festivais nacionais e internacionais, ajudou a pavimentar o caminho de

Kleber para os longas-metragens que consolidariam sua reputação mundial.

O reconhecimento amplo veio com a assinatura da Cinemascópio em títulos que marcaram o cinema brasileiro neste século. "O Som ao Redor", de 2013, revelou ao mundo o talento de Kleber para dissecar as tensões sociais urbanas. Três anos depois, "Aquarius" consolidou essa reputação, com Sonia Braga protagonizando um drama que conquistou aplausos da crítica internacional. Em 2019, "Bacurau" levou o Prêmio do Júri em Cannes e se transformou em fenômeno ao misturar western, ficção científica e crítica social numa narrativa ousada.

A atuação de Emilie Lesclaux como produtora vai além da gestão de recursos e logística. Segundo informações do site BR Lab, nos últimos 12 anos ela produziu 8 curtas e 6 longas-metragens que somam mais de 250 prêmios em festivais ao redor do mundo. Sua filmogra-

fia também inclui "Sem Coração" (2014), que passou pelo Festival de Veneza em 2023, e "Retratos Fantasmas" (2023), ensaio de tom documental de Kleber sobre a memória das antigas salas de cinema do Recife que acabou inspirando Kleber no roteiro de "O Agente Secreto".

Fora do eixo de Pernambuco, ela ainda produziu "Dormir De Olhos Abertos", da alemã Nele Wohlatz, exibido na Berlinale de 2024. Descrita como principal captadora de recursos para viabilizar os filmes de Kleber Mendonça Filho, ela se tornou peça fundamental na estratégia de coprodução internacional que marca o cinema do realizador nordestino.

Em entrevista a Rodrigo Fonseca, crítico do Correio, Emilie revelou os desafios enfrentados para viabilizar o projeto. "O Agente Secreto" teve um financiamento inicial via Estados Unidos que não foi pra frente, e nos encontramos no final

Kleber Mendonça Filho e Emilie Lesclaux no tapete vermelho do Globo de Ouro com uma das estatuetas conquistadas pelo longa

“Uma das coisas mais belas foi ver franceses assobiando um frevo e ver um alemão aperfeiçoando a cor de um ônibus elétrico dos anos 1970”

EMILE LESCLAUX

de 2022 tendo que reconstruir um orçamento do zero”, conta a produtora.

Depois do colapso do financiamento original, Emilie explica que começou o processo de procurar fundos no Brasil, com a distribuidora Vitrine. O resultado foi uma coprodução envolvendo Brasil (Cinemascópio Produções), França (MK Productions), Holanda (Lemming) e Alemanha (One Two Films). “A coprodução, que é algo sempre complexo, principalmente envolvendo vários países, foi uma experiência muito feliz para o ‘Agente Secreto’, como foi para ‘Bacurau’ e ‘Aquarius’”, diz Emilie.

A parceria internacional permitiu reunir recursos técnicos de excelência: “Nosso equipamento de câmera ARRI, com lentes Panavision dos anos 1970, veio da França, assim como a nossa diretora de fotografia, Evgenia Alexandrova, e realizamos boa parte da pós produção na Europa. Gravamos a trilha sonora num estúdio maravilhoso em Amsterdam (STMPD) e fizemos correção de cor na Rotor, nos Estúdios Babelsberg na Alemanha. Nós mixamos o filme em Paris, com o grande Cyril Holtz”.

Para Emilie, a colaboração internacional enriqueceu o projeto sem diluir sua identidade. “Tudo foi contribuindo para novas camadas criativas num filme que continua extremamente brasileiro... pernambucano. Aliás, uma das coisas mais belas foi ver franceses assobiando um frevo e ver um alemão aperfeiçoando a cor de um ônibus elétrico dos anos 1970”, recorda a produtora, revelando como a equipe multinacional mergulhou na cultura local para preservar a autenticidade da recriação histórica.

A conexão de Emilie com Recife e seu patrimônio cultural é profunda. Em entrevista sobre “Retratos Fantasmas”, ela revelou: “Lembro de descobrir o Cinema do Parque e o Cinema São Luiz quando cheguei em 2002. Lembro de ficar maravilhada com a beleza desse patrimônio e entender também a importância dessas salas como espaços de formação e de valorização do cinema nacional, do cinema pernambucano”. A produtora conta que “ver ‘Cidade de Deus’ e ‘Amarelo Manga’ nessa época, no centro da cidade, foi uma experiência inócumo”, e lembra com emoção ver “as filas de pessoas querendo assistir a ‘Bacurau’ darem a volta do quarteirão do Cine São Luiz”.

Além do trabalho na Cinemascópio, Emilie e Kleber são diretores artísticos do Janela Internacional de Cinema do Recife, festival criado em 2008 que se consolidou como importante vitrine para o cinema autoral no Nordeste brasileiro.

A campanha de “O Agente Secreto” segue agora mirando o Oscar, cuja lista de indicados será divulgada nesta quinta-feira (22) e Emilie, sempre discreta, segue ao lado do parceiro nos tapetes vermelhos.

ENTREVISTA | PAULO HALM

ROTEIRISTA E CINEASTA



“Parece que a gente está condenado, como Sísifo, a ficar empurrando uma pedra montanha acima apenas para vê-la rolando morro abaixo em seguida”

‘Nosso audiovisual, lamentavelmente, vive de ciclos... e o pior, de ciclos labirínticos’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Cerca de um ano e meio depois de sua estreia comercial, uma fofura brasileiríssima chamada “De Pai Para Filho” volta à telona, para uma sessão única, esta noite, na sala 4 do Estação NET Botafogo, às 19h. Lançado comercialmente em agosto de 2024, após ganhar quatro prêmios no Festival de Paraty, o longa-metragem de Paulo Halm é uma delicinha daquelas que a gente via na “Sessão da Tarde”. Tipo aquelas com Steve Martin ou Dan Aycroyd (todos muito bem dublados), boas em misturar dores, amores e risos numa equação em que o valor de X era um xêro no coração. Depois de emplacar, como roteirista, dois fenômenos de audiência seguidos no horário das novelas das sete da TV Globo - “Totalmente Demais” (2015) e “Bom Sucesso” (2019), escritos com Rosane Svartman -, Halm foi dirigir essa tal narrativa sobre paternidade com o desejo de fazer “um filme fofo”. Em 2022, recebeu o Correio da Manhã no set, num apartamento no Bairro Peixoto, e jurou: “Parece um filme de Natal”, falando orgulhoso de sua cria, sobretudo quando o ator Marco Ricca (que está colossal em cena no papel de um fantasminha camarada) passou pelo corredor para dar “Oi!” ao repórter que foi acompanhar as filmagens. “Não parece o Bill Murray?”, dizia Halm, todo pimpão. O que o diretor de “O Resto É Silêncio” (2003) extraiu da rodagem fez jus à sua ambição afetiva. “De Pai Para Filho” é uma fofura mesmo. Em sua sessão inaugural, no Festival de Petrópolis, uma marman-

jada saiu da sala fungando de emoção. Tinha tudo para ser um sucesso. Só que – como bem escreveu o dramaturgo Flávio Marinho -, “na vida, sempre existe um mas...”. Aquele longa-metragem contagiente bateu na trave, por uma série de questões que refletem as inseguranças e as incertezas políticas de nosso audiovisual. Halm vai falar sobre elas ao fim da projeção no complexo exibidor da Rua Voluntários da Pátria 88. Após a exibição, rola bate-papo com ele, a produtora (Lara Castro), a diretora de arte (Tainá Xavier), o diretor de fotografia (Alex Araripe) e o montador (Eduardo Nunes). A conversa há de celebrar as múltiplas excelências da produção, mas há de tocar nas excentricidades de nosso mercado cinematográfico.

Realizador de “Histórias de Amor Duram Apenas 90 Minutos” (2009), Halm construiu “De Pai Para Filho” para ser uma comédia dramática (ou um drama com tons generosos de humor), que fosse salpicada pelo sobrenatural. Juan Paiva é José, dono de uma loja de ferragens em Araraquara (SP). Depois da morte do papai rock’n’roll, o músico Machado (Ricca), com quem pouco ou quase nada conviveu, o comerciante precisará dar um pulo no Rio, para lidar com sua herança. De um lado, José vai aprender o que é a paixão no sorriso de Dina (papel de Miá Mello). Do outro, com uma ajudinha dos Céus (ou seria de sua imaginação), José vai aprender que um abraço paterno pode ser um belo de um abrigo no carinho (espectral) de Machado.

Na entrevista a seguir, Halm antecipa detalhes de sua discussão desta noite, no Estação. E, ó, não tem desculpa para faltar: a entrada é franca, sujeita à lotação. Serão distribuídas senhas uma hora antes da sessão.

Desde que o filme passou pelo circuito você discute a questão de uma fragilidade comercial em nosso circuito que os sucessos recentes não aplacaram. Que fragilidade é essa? Como ela afetou “De Pai Para Filho”?

Paulo Halm - Olha, eu acho que até fiz as coisas direitinho. Apesar de ter um orçamento bem reduzido, bem pequeno, quase um BO, com recursos da GloboFilmes, filmando ainda na pandemia, consegui fazer um filme bacaninha, com um elenco maravilhoso, estelar... só filé. O Juan Paiva, esse Chadwick Boseman carioca, super talentoso, lindo, carismático, um galá da cor do Brasil. A Miá Mello, essa força da natureza. O Marco Ricca. A Valentina Vieira, gênia, e o auxílio luxuoso do Pablo Sanábio, do Charles Fricks, do Xando Graça, do Fabrício Santiago... Fiz um drama familiar



Roteirista de longas como "Pequeno Dicionário Amoroso", "Amores Possíveis", "Guerra de Canudos", "Mauá - O Imperador e o Rei", "Dois Perdidos Numa Noite Suja" e "Meu Nome Não é Johnny", entre outros



Como diretor assinou longas como "Hijab - Mulheres de Véu", "Histórias de Amor Duram Apenas 90 Minutos", "A Cor do Seu Destino" e "De Pai Pra Filho", seu último trabalho



Em 'De Pai Pra Filho' uma história de amor improvável brota entre a mãe viúva que doma a dor da perda (Miá Mello) e um jovem comerciante de SP (Juan Paiva) que vem ao Rio cuidar do espólio do pai

“*Fiz um filme numa época difícil, dura, muito dura, ainda na pandemia, sob um (des)governo autoritário que tanto mal causou ao país. Quis fazer um filme que de alguma forma abraçasse e reconfortasse os espectadores”*



Com ares de Bill Murray, Marco Ricca é o músico que volta do Além para mostrar ao filho que ainda é dia de rock

com doses de humor com uma pegada popular. Tem risos, lágrimas, música, poesia, afeto... Conseguí apoio da RioFilme. Ganhei uma graninha pra distribuição pela Lei Paulo Gustavo, através do Edital da Secretaria de Cultura do Estado. Aí o Marcello Maia, da ArtHouse, e a Adriana Rattes, do Filmes do Estação, meus distribuidores, queridos parceiros, conseguiram armar um lançamento com 76 salas em todo o Brasil. Passamos até em Araraquara (terra do personagem de Juan). Ficamos oito semanas em exibição... e apesar de tudo isso... fuén, fuén, fuén... um fiasco. Ninguém viu. Ou quase ninguém. O que fiz de erra-

do? O filme não é ruim, pelo contrário, é um filme gostoso, carinhoso, talvez um pouco longo. Não me consolou o fato de 90% dos filmes brasileiros lançados antes ou depois do meu tiveram o mesmo resultado frustrante.

O que se passou com esse universo de filmes?

Imagino que todos, à sua maneira, tentaram fazer o melhor possível para alcançarem o público, algum público... O que deu errado? Essa pergunta me perturbou durante muito tempo. Aí lembrei de um filme, uma comédia que eu escrevi com e pro meu mestre pícaro Hugo Carvana, chamado "Não Se Preocu-

pe, Nada Vai Dar Certo". Essa sentença cínica, niilista, quase fatalista, parece responder aquela minha dúvida sobre a possibilidade dos nossos filmes conseguirem cumprir sua função primordial: serem vistos. Parece mesmo que existe um intrincado mecanismo criado para não dar certo. Mecanismo pode soar meio paranoico, teoria da conspiração, mas a verdade é que existe um problema estrutural que se eterniza, composto por diversos fatores como a massacrante e desleal ocupação das salas de cinema pelos filmes hollywoodianos; a histórica resistência ou relutância do exibidor em relação ao filme nacional; o pequeno

número de salas de cinemas existentes no país (e sua distribuição geográfica sabidamente restritiva e elitista); o proibitivo custo do ingresso, que é caríssimo; a concentração dos recursos públicos (sim, existem recursos públicos, e vultosos, destinados à comercialização e à distribuição dos filmes nacionais, não é por falta de investimento público que os filmes brasileiros não chegam ao público) nas mãos de poucas distribuidoras; a mudança da forma de se ver filmes, a partir do advento das plataformas de streamings, potencializada com a pandemia do Covid, enfim... A soma desses fatores torna a exibição comercial dos filmes brasileiros não apenas frágil, mas condenada a não dar certo. Mas ao contrário do conselho debochado do Carvana, não tem como não ficar preocupado com essa situação. Parece que a gente está condenado, como Sísifo, a ficar empurrando uma pedra montanha acima apenas para vê-la rolando morro abaixo em seguida.

Algo muda com as vitórias nacionais recentes que tivemos, com "Ainda Estou Aqui" e "O Agente Secreto"?

As conquistas merecidas do cinema brasileiro, com essa enxurrada de prêmios importantes (Oscar, Globo de Ouro); as performances em Cannes, Berlin, Veneza; o reconhecimento internacional da excelência da nossa cinematografia; o sucesso comercial de alguns, poucos, filmes que acabam levantando o percentual de ocupação de salas pelo filme brasileiro... tudo isso cria uma sensação de que a produção audiovisual nacional vive um momento de estabilidade, o que não é exatamente real. E, pior, que corre o risco de rolar morro abaixo na geração seguinte. Nosso audiovisual, lamentavelmente, vive de ciclos... ou de círculos labirínticos nos quais vivemos historicamente nos perdendo. Nossa Globo de Ouro Wagner Moura falou sobre isso, recentemente, nas redes sociais. Não dá pra nos iludirmos que as coisas estão consolidadas, que o jogo está ganho. Não está. É urgente uma política pública que torne o audiovisual uma atividade estratégica, não apenas culturalmente, mas sobretudo econômica. Algo como fez a Coreia do Sul que, em pouco mais de duas décadas, tornou-se uma potência e uma referência audiovisual, criando tramas, imagens, sonhos que são vistos pelo mundo inteiro... E olha que o coreano é uma língua tão "exótica" e restrita quanto o português. Ou seja, se não quisermos ter que empurrar essa pedra novamente montanha acima, temos que aproveitar este momento. É preciso coragem e determinação das nossas lideranças. Nesse sentido, a primeira coisa a ser feita é vetar o constrangedor,

lamentável e entreguista projeto de lei que regula os streamings que foi aprovado no Congresso. É totalmente danoso à nossa soberania cultural, econômica e industrial. Tem que vetar, meu presidente Lula. Nunca te pedi nada.

De que maneira o teu filme reflete os debates sobre formações familiares do nosso tempo?

Gosto muito de falar sobre relacionamentos humanos, amorosos, familiares. E eu queria fazer um filme sobre e para a família. Mas não sobre uma família convencional, certa, padronizada, mas uma família que poderia até ser considerada um pouco "torta". Sempre gostei mais delas, até porque, eu me considero meio "torto" também. Parafraseando Tolstoi: "Todas as famílias ditas normais se parecem, cada família considerada torta é torta à sua maneira". Acho que estamos testemunhando o surgimento de novas formas de relacionamento amoroso, afetivo, sexual, e de configurações familiares que traduzam essa plenitude de afetos e amores. Em "De Pai Para Filho", temos duas famílias fraturadas pelo luto que acabam tendo a chance de se reconstruir. E não é só uma nova família, mas uma família nova, em consonância com os novos tempos e novos afetos. Ele, um jovem negro; ela, uma mulher de quarenta anos, viúva, mãe solo de uma pré-adolescente. O outro casal que vemos no filme é um casal gay super apaixonado (interpretado pelo Pablo Sanábio e pelo Fabrício Santiago, que inclusive reescreveram parte dos diálogos da cena para dar mais "embocadura" homoafetiva ao casal). Então acho que o filme reflete essas novas manifestações afetivas.

Você filmou o longa ainda no fim da Era Bolsonaro e lançou-o no Festival de Petrópolis, num sábado à tarde, com sala cheia. Depois passou pelo Festival de Paraty, arrebatando prêmios. Que tempo foi esse em que "De Pai Para Filho Nasceu"?

Fiz um filme numa época difícil, dura, muito dura, ainda na pandemia, sob um (des)governo autoritário, de viés fascista, machista, misógino, fanático religioso, que tanto mal causou ao país, sendo responsável inclusive pelas 700 mil mortes por conta de negligência e negacionismo. Eram tempos ásperos, e eu quis fazer um filme que de alguma forma abraçasse e reconfortasse os espectadores. Um filme sobre o luto. Um filme de amor, de perdão, de esperança. Pena que poucas pessoas conseguiram ver. Mas quem viu gostou e se sentiu abraçado e reconfortado. Isso que importa.

Beija-Flor leva fé e memória negra à Sapucaí

Atual campeã do carnaval carioca, escola de Nilópolis aposta no enredo histórico de Bembé do Mercado



RAFAEL LIMA

A Beija-Flor de Nilópolis chega ao Carnaval de 2026 trazendo um enredo que remete à história, a cultura e as disputas simbólicas que sempre marcaram a trajetória da agremiação. Atual campeã do Grupo Especial, a azul e branco aposta em "Bembé do Mercado", tema que leva à Marquês de Sapucaí uma manifestação religiosa e social surgida no fim do século 19 e que se mantém viva como expressão de fé, resistência e organização coletiva do povo preto.

Ao longo de sua história, a Beija-Flor construiu uma identidade marcada por escolhas temáticas consistentes e por desfiles que unem impacto visual e narrativas coerentes. De diferentes fases criativas, a escola forjou uma linguagem própria, frequentemente voltada para questões sociais, culturais e históricas do Brasil, com raríssimas exceções. O enredo de 2026 conta a história do Bembé do Mercado, celebração iniciada em 1889, no Recôncavo Baiano, quando o candomblé passa a ocupar espaços públicos.

Em entrevista ao Correio da

Manhã, o carnavalesco João Vitor Araújo explica que o projeto dialoga com essa herança construída ao longo do tempo. "A Beija-Flor vem para 2026 com a mesma espinha erguida que sempre marcou a sua história. De Laíla ao Bembé existe uma continuidade muito clara, que é a defesa do samba como território de memória, consciência e afirmação do povo negro", afirma. Para ele, a escolha do tema também se conecta à atuação de Laíla, um dos nomes centrais da história da escola. "A gente sente muito a energia de Laíla dentro desse enredo. Sem dúvida, o Bembé é uma história que ele escolheria para contar, porque Laíla foi um pioneiro em colocar a história do povo preto no centro da avenida, com coragem, verdade e grandeza", destaca.

O Bembé do Mercado é uma celebração afro-baiana realizada no Mercado Municipal de Santo Amaro da Purificação, que reúne terreiros de Candomblé e a comunidade em um grande encontro público de fé e memória. Marcado por toques de atabaque, cantos e danças para os orixás, o evento costuma acontecer no período do pós-13 de maio, reafirmando os valores da luta pela liberdade. Ao ocupar um espaço co-



“Os preparativos estão em um nível muito intenso de entrega, pesquisa e envolvimento da comunidade. Existe um sentimento coletivo de que estamos contando algo que nos atravessa de verdade”

JOÃO VITOR



tidiano como o mercado, o Bembé transforma a cidade em território de celebração coletiva, reforçando laços comunitários e a continuidade das tradições de matriz africana. O enredo mergulha nas origens dessa manifestação iniciada pelo babalaô João de Obá, que levou práticas de candomblé para fora dos terreiros para ocupar a praça pública, um movimento que une fé, identidade e presença social.

"O Bembé do Mercado é esse mesmo gesto. Um ato de liberdade iniciado por João de Obá em 1889, quando o candomblé ocupa a praça pública e transforma fé em afirmação de existência", explica o carnavalesco ao comentar a essência do enredo.

Nos bastidores, a preparação da escola segue em ritmo intenso. O trabalho envolve pesquisa histórica, desenvolvimento artístico e participação direta da comunidade, elemento tradicional nos desfiles da Beija-Flor. "Os preparativos estão em um nível muito intenso de entrega, pesquisa e envolvimento da comunidade. Existe um sentimento coletivo de que estamos contando algo que nos atravessa de verdade", diz João Vitor.

Do ponto de vista estético, o desfile promete uma combinação entre inovação e referências tradicionais. A escola trabalha com novos materiais, recursos tecnológicos e soluções visuais, buscando ampliar a leitura do enredo sem perder a clareza narrativa. "O público vai ver uma Beija-Flor extremamente sofisticada, mas profundamente conectada ao chão, ao corpo e ao sagrado do Bembé. Estamos trabalhando com novas tecnologias e soluções visuais que ampliam a experiência do desfile, sem nunca perder a alma do carnaval", adianta.

Com o enredo de 2026, a Beija-Flor propõe um desfile centrado na memória, na religiosidade e na construção coletiva de identidade. A expectativa é apresentar na Sapucaí uma leitura consistente de um episódio histórico pouco conhecido do grande público, mantendo o equilíbrio entre espetáculo, narrativa e tradição carnavalesca.

Três safras numa única garrafa

Vinícola Foppa & Ambrosi, de Garibaldi, lança o Insolito Branco Corte IV, com uvas da casta Chardonnay colhidas nos anos de 2023, 2024 e 2025

AFFONSO NUNES

AFoppa & Ambrosi, de Garibaldi (RS), apresenta o Insolito Branco Corte IV, corte de três safras distintas numa única garrafa, no caso uvas Chardonnay das safras 2023, 2024 e 2025. O rótulo ressignifica a variedade mais emblemática dos brancos, equilibrando estrutura amadeirada, cremosidade e frescor numa sinfonia sensorial. Produzido em tiragem limitada de 3.150 garrafas numeradas, o vinho nasce de vinhedos cultivados na Serra do Sudeste e Serra Gaúcha.

Anderson Pagani/Divulgação



Lucas Foppa e Ricardo Ambrosi apostam na diversidade de aromas do Insolito Corte IV (ao lado)

A composição do Corte IV revela três interpretações técnicas da mesma uva: a safra 2023, com 24 meses em barricas de carvalho francês, traz profundidade, estrutura e notas tostadas; a 2024, com 12 meses de madeira,

traz textura cremosa, equilíbrio e nuances amendooadas; já a 2025, vinificada em inox, preserva o frescor, a vitalidade aromática, justamente o caráter mais característico da casta.

“Este vinho sintetiza o que acreditamos como projeto. A cada safra, entendemos mais profundamente como os diferentes terroirs e estilos de vinificação conversam entre si”, afirma Lucas Foppa. “Mais do que um 100% Chardonnay, este é um

exercício de precisão. Trabalhar três safras significa equilibrar tempos, texturas e intenções. É a nossa leitura da variedade, construída com liberdade enológica”, completa Ricardo Ambrosi.

Em sua análise sensorial, o Insolito Branco Corte IV apresenta coloração amarelo-palha com reflexos esverdeados. No nariz, despontam frutas tropicais, cítricos delicados, abacaxi maduro, coco e notas sutis de tosta. Em boca, revela-se cremo-



so e preciso, com acidez equilibrada e integração impecável entre fruta e carvalho, além de retrogosto prolongado. As sugestões de harmonização incluem frutos do mar, aves com molhos leves, queijos suaves e culinária asiática.

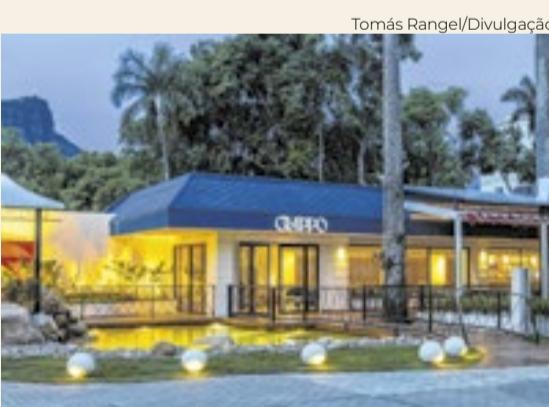
Criada por Lucas Foppa e Ricardo Ambrosi, que começaram aos 21 anos e hoje, aos 29, operam simultaneamente no Brasil e no Napa Valley, na Califórnia (EUA), a Foppa & Ambrosi reforça sua vocação para pequenos lotes super premium, processos artesanais e vinhos de personalidade marcante. Sem investidores ou herança familiar, os dois enólogos desenvolvem uma marca jovem, cosmopolita e autoral, com foco permanente na experimentação.

O Corte IV e outros vinhos do catálogo da Foppa & Ambrosi podem ser encomendados pelo whatsapp (54) 99307-1644, com entregas para todo território nacional.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR

NATASHA SOBRINHO



Tomás Rangel/Divulgação

Autoralidade à italiana

A cena gastronômica carioca ganha um novo endereço com o Giappo, no Jockey. À frente da cozinha, o premiado Nao Hara propõe uma leitura autoral da culinária italiana, inspirada nas tradições do Norte da Itália: Lombardia, Piemonte e Veneto. O menu percorre massas artesanais, risotos, fôndutas e carnes nobres, sempre guiados por técnica e respeito aos ingredientes. A fusão entre a herança europeia e o rigor do chef aparece em massas moldadas à mão, recheios inesperados e combinações que atualizam clássicos sem descaracterizá-los.



Bruno Agostini/Divulgação

Japinha com pegada pop

Chamando atenção no Largo dos Leões, o Kata Sushi se impõe pela fachada grafitada por Rafael Moreno, com sushis, peixes e um grande polvo em cores vibrantes. As janelas em escotilhas reforçam a atmosfera marinha que continua no interior, marcado por estética nipônica. O restaurante é o novo projeto do chef peruano Marco Epinoza, idealizado por sua filha, Catarina, que estreia na gastronomia com uma proposta moderna, jovem e conectada ao pop asiático. No cardápio, destaque para o rodízio e o menu executivo de almoço.



Divulgação

Ferro, fogo e lenha

Com unidades em Ipanema, Leblon, Barra da Tijuca e Botafogo, a Ferro e Farinha amplia o cardápio além das pizzas e aposta na cozinha de fogo vivo no almoço e nos fins de semana. Sob o comando do chef Sei Shiroma, tudo passa pela lenha. Entre os especiais de sábado e domingo, destaque para a Parmegiana à lenha, a Coda alla vaccinara (rabadá assada lentamente) e o Polvo alla sarda, finalizado na grelha. No almoço diário, entram o Cannelloni alla pizzaiola e a Carbonara alla felice, seguindo a receita clássica.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

*Simplesmente
Maneco*

Com a passagem do querido Manoel Carlos Maneco relatei, em um grupo de jornalistas, uma passagem que tive com o autor, que se mirou nos exemplos das inocentes do Leblon, dentre suas pequenas, porém gigantes, Helenas.

Incentivado por uma coleguinha que me enviou uma mensagem no privado resolvi escrever esta homenagem, não ao grande dramaturgo, mas ao ser humano absolutamente sem igual que foi Maneco.

"Vai lá, escreva sobre a sua história no velório de um dos filhos do Maneco. Abre seu coração e nos conte tudo. Bom que todos saibam os detalhes de um homem raro, que mesmo diante de um dor infinita, soube olhar para vocês com amor", escreveu ela.

Meu relato pessoal em relação ao Maneco, quando da morte de um de seus filhos no ano de 2014, em relação a sua generosidade, humildade e tamanho grandeza.

O velório foi 'coordenado' pela TV Globo e, como sempre, sem acesso à imprensa. Passei o plantão todo no Cemitério da Ordem Terceira do Carmo no bairro do Caju, Zona Portuária do Rio de Janeiro, em uma área barricada, destinada a todos os veículos de imprensa que não fossem 'da casa', de frente para a área principal do Crematório o que nos obrigava a utilizar teleobjetivas pesadas para captar a chegada daqueles que ali foram levar o último adeus ao rapaz e condolências ao autor, o mais carioca dos paulistanos que conheci.

Não eram poucos os coleguinhas, afinal era o terceiro filho que ele perdia de forma trágica. Eu estava lá, cobrindo, fotograficamente, para uma agência e notícias paulistana. A primeira gentileza dele foi pedir que enviassem água para as equipes jornalísticas, a segunda alimentos, pois as exéquias durariam o dia todo e nós lá num sol de 40°C no espaço a nós destinado, aquele que nos cabia.

Ao final, para espanto geral - ele estava enterrando um terceiro filho - foi até nós, cumprimentou um a um e agradeceu nossa presença. Não teve um que não tenha marejado. Todas as câmeras baixaram, todas as luzes e flashes se contiveram, pois ali estava mais que um brilho, ali estava um ser humano incomum ali estava a sensibilidade em pessoa.

Na época eu tinha uns cinquenta e poucos anos e muitos de carreira, entrei no carro e chorei copiosamente. Foram muito poucas vezes, na minha vida, que me tinha me deparado com alma tão generosa. Ainda hoje me emociono ao lembrar a cena. Que Nanã o tenha recebido com muito carinho no Orum.

As fotos que iluminam esta crônica são do Leblon, bairro que amou e contou em verso tantas vezes.

